



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v43i01.2810>

## O sentido da ressurreição de Jesus Cristo na escatologia de Jürgen Moltmann

The meaning of the resurrection of Jesus Christ in Jürgen Moltmann's eschatology

Gladson Pereira da Cunha\*

### Resumo

O presente artigo é uma revisão sobre o sentido que o teólogo reformado Jürgen Moltmann dá, em sua escatologia, ao evento da Ressurreição de Jesus Cristo. Esse evento é o tema central nos dois principais trabalhos de escatologia de Moltmann, a *Teologia da Esperança*, que abre a sua reflexão para o lugar da própria ressurreição de Jesus como objeto da esperança humana, mediante a promessa divina da ressurreição da humanidade dos mortos, uma doutrina de suma importância para o cristianismo, e *O Deus Crucificado*, no qual a esperança e o evento da ressurreição são retomados. Basicamente o artigo é construído sob uma revisão da bibliografia moltmanniana, seguida de uma reflexão sobre ela, procurando demonstrar o entendimento de Moltmann diante da ressurreição do Crucificado.

### Palavras-chave

Teologia. Escatologia. Cristologia.

### Abstract

This article is a review of the meaning that the reformed theologian Jürgen Moltmann gives, in his eschatology, to the event of the Resurrection of Jesus Christ. This event is the central theme in the two main works on eschatology by Moltmann, the *Theology of Hope*, which opens his reflection to the place of the resurrection itself of Jesus as an object of human hope, through the divine promise of the resurrection of humanity from the dead, a doctrine of utmost importance for Christianity, and *The Crucified God*, in which the hope and the event of the resurrection are taken up again. Basically, the article is constructed through a review of the Moltmann bibliography, followed by a reflection about it, seeking to demonstrate Moltmann's understanding confronted with the resurrection of the Crucified.

### Keywords

Theology. Eschatology. Christology.

---

[Texto recebido em agosto de 2016 e aceito em junho de 2017, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Graduado em Teologia (Universidade Presbiteriana Mackenzie). Especialista em Filosofia e Psicanálise (UFES). Mestre em Ciências da Religião (Universidade Presbiteriana Mackenzie). Doutorando em Teologia (PUC-Rio). E-mail: gladsoncunha@gmail.com

## Introdução

É emblemática a paráfrase que Moltmann faz do apóstolo Paulo, ao afirmar: “o Cristianismo fica de pé ou cai com a realidade da Ressurreição de Jesus dentre os mortos por obra de Deus”,<sup>1</sup> afinal de contas: “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo...” (1Co 15.14-15). Emblemática porque essa afirmação demonstra o quão necessário é, para a fé cristã, o evento da ressurreição de Cristo. Não haveria sentido algum no cristianismo ou mesmo na pregação da igreja cristã se a ressurreição não tivesse ocorrido, porque toda a fé cristã é radicalmente dependente da veracidade e da realidade dos eventos de Cristo, principalmente os eventos pascais, como expõe-se nas formulações credais: “e por nós, homens, e para nossa salvação ... foi crucificado ... ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras”.<sup>2</sup>

A permanência do cristianismo, ao longo dos séculos, se justifica apenas porque a fé na ressurreição de Jesus Cristo dos mortos pelo poder de Deus tem sido apreendida e renovada sempre de novo pela esperança na promessa de que, da mesma forma que Cristo foi ressuscitado, um dia também os seus fiéis serão ressuscitados. Não apenas por isso, Moltmann também sugere que a Igreja, como comunidade da esperança, já experiencia as dinâmicas da Ressurreição numa espécie de antecipação escatológica. Assim, a missão cristã seria o espaço para se fazer essa experiência da promessa de maneira antecipatória, fortalecendo a esperança e dinamizando a fé. “De fato”, afirma Moltmann, “a fé cristã vive da Ressurreição de Cristo crucificado e se estende em direção às promessas do retorno universal e glorioso de Cristo”.<sup>3</sup>

Neste sentido, o objetivo deste artigo é fazer uma revisão dos dois principais textos de Moltmann – *Teologia da Esperança* e *O Deus Crucificado* – buscando o significado que a Ressurreição de Jesus Cristo possui dentro da escatologia moltmanniana, procurando identificar as suas características, funções e sentidos, apontando, por fim, as implicações de caráter prático que o evento da Ressurreição de Cristo sugere, principalmente diante daquilo que pode ser chamado de *escatologia performativa*,<sup>4</sup> isto é, que impele pela força que há no escatológico a uma ação que lhe dá sentido, chamando-a para a realidade da existência; uma vez que, a teologia de Moltmann tem um claro apelo prático e missiológico.

## A ressurreição de cristo como princípio da esperança: uma chave de leitura

---

<sup>1</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 197.

<sup>2</sup> CREDO NICENO-CONSTANTINOPOLITANO.

<sup>3</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 21.

<sup>4</sup> Cf. LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M. C. *Escatologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

A teologia de Moltmann, como fartamente já foi considerada, tem seu ponto de partida no contexto de sua própria experiência com o sofrimento e a iminência da morte, quando ele esteve como prisioneiro em campos de concentração durante a Segunda Guerra. Contudo, neste contexto, Moltmann também fez a sua própria experiência com a realidade de Deus, não de um Deus que se isola da humanidade, mas de um Deus que se compadece da humanidade em meio ao seu próprio sofrimento. Assim, o encontro de Moltmann com Deus – ou, como ele prefere um encontro de Deus com ele, por Moltmann é quem estava perdido – foi uma experiência que se deu em duas vias distintas, segundo Bauckham.<sup>5</sup> Por um lado, esse foi um encontro com o Deus que é a fonte e o poder da *esperança*, isto é, com aquele poderia suprir a carência e falta daquilo que poderia dar sentido à vida, num momento em que a *esperança* era um artigo “em falta” no horizonte europeu. Por outro, esse foi um encontro com o Deus que se faz presente em meio a todo o sofrimento humano. Isso significou uma virada na vida do jovem Moltmann que, ao voltar para sua terra natal, se dedicou ao estudo teológico e ao pastoreio de uma pequena comunidade rural antes de ingressar no ensino. O binômio *esperança-sofrimento* faria toda diferença no desenvolvimento de sua teologia.

Desta maneira, toda a teologia de Moltmann terá como o seu ponto de partida a sua *Teologia da Esperança*. Inevitavelmente, para se compreender como se desenvolve a construção teológica moltmanniana faz-se necessário ter em mente algumas noções daquilo que ele expôs, inicialmente, em sua *prima opera*. Em *Teologia da Esperança*, Moltmann recupera a dimensão escatológica da fé cristã, procurando fazer a sua relocação dentro *corpus theologicus*, não como um apêndice, mas como perspectiva e tendência para frente rumo ao futuro que fora proposto por Deus em Jesus Cristo.<sup>6</sup> É nesse sentido que Moltmann afirma:

Por isso mesmo a Escatologia não pode ser simplesmente parte da doutrina cristã. Ao contrário, toda a pregação e mensagem, cristã tem uma orientação escatológica, a qual também é essencial à existência cristã e à totalidade da Igreja. Por isto, existe um único e verdadeiro problema da teologia cristã [...]: o problema do futuro.<sup>7</sup>

Diante disso, algumas questões podem ser levantadas: Como é possível compreender esse problema do futuro ou melhor esse problema escatológico? Sobre quais bases se sustenta a reflexão moltmanniana acerca do futuro e da esperança? Aliás, como compreender o conceito de esperança em Moltmann? Começemos pelo fim.

Para Moltmann, para se compreender o conceito de *esperança* é necessário compreender o conceito de promessa tal como ele se apresenta no testemunho do Antigo

---

<sup>5</sup> BAUCKHAM, Richard. *The Theology of Jürgen Moltmann*. New York: T&T Clark, 1996. p. 1.

<sup>6</sup> MOLTANN, 2003, p. 22.

<sup>7</sup> MOLTANN, 2003, p. 22.

Testamento. O Deus que se revela no Antigo Testamento não é um deus epifânico das religiões pagãs, de modo especial à ideia do paganismo grego e ao conceito da “*eterna presença*”, os quais, por meio de suas manifestações envolviam o tempo e o lugar de suas manifestações com os seus atributos. Antes, o Deus que se revela no Antigo Testamento é o Deus das promessas e das alianças.

Por meio de suas aparições teofânicas, os deuses pagãos sacralizavam o momento histórico, bem como o lugar de sua aparição, fazendo que a prática religiosa de seus fiéis procurasse atualizar o momento dessa manifestação. Contudo, para Moltmann, o Deus do Antigo Testamento, embora também se revelasse por meio de “*aparições*”, só raramente ou ainda de forma secundária é que tais “*aparições*” determinavam a sacralização de um tempo ou lugar. Para o nosso autor, o sentido primário das aparições de Javé estava naquilo que ele revela por meio das palavras que dizia e das promessas que fazia.<sup>8</sup> Assim Moltmann considerou que “*a revelação que assim acontece não tem o caráter de iluminação, à maneira do ‘logos’, de uma realidade presente no homem e no mundo, mas essencial e fundamentalmente tem o caráter de promessa, sendo, portanto, de natureza escatológica*”.<sup>9</sup> E acrescenta:

A promessa anuncia a realidade do futuro da verdade, que ainda não existe. Ela consiste numa típica *inadaequatio rei et intellectus* frente à realidade presente e experimental. Não só antecipa e ilumina o lado de cá da história do real-possível, mas o “possível” assim como “o futuro” nascem da palavra da promessa de Deus, e assim superam tato o real-possível como o real-impossível.<sup>10</sup>

Segundo Moltmann, o Deus que se revela no Antigo Testamento, ao se revelar, fala em categorias futuras, as quais muitas vezes não puderam ser compreendidas em todas as suas dimensões por aqueles que a receberam, bem como por aqueles que a recebem ainda hoje. Essa *inadaequatio* que Moltmann propõe demonstra essa incompreensão. As coisas conhecidas e os conceitos produzidos pelo intelecto não correspondem a aquilo que é dado pela promessa e o seu anúncio. Mas essa correspondência não diz respeito apenas ao que pode ser compreendido, mas também parece apontar para além do *possível*, para aquilo que humanamente é ou pode ser considerado *impossível*, porém, para o Deus promitente que se revela, é totalmente possível (Mt 19.26).

Entretanto, como Moltmann deixa bem claro noutro lugar, “*promissão e vaticínios estão tão próximos que frequentemente são confundidos [...] porém, vaticínio não é promissão*”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 120.

<sup>9</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 103.

<sup>10</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 103.

<sup>11</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 84-85.

Isso significa que a promessa não é mero prognóstico ou predição de um evento futuro. O conceito da promessa vai além disso. Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa.<sup>12</sup> A promessa não fala de ou sobre um futuro, mas por causa do Deus promitente que a promete, ela aponta e assegura o futuro proposto por esse Deus, do qual o receptor da promessa, em fé e esperança, crê e espera. E, de algum modo, por causa de Jesus, que antecipa e abre esse futuro à humanidade, o crente *já* participa desse futuro. Assim, as “*promessas de Deus abrem os horizontes da história*”.<sup>13</sup>

Diante disso, é possível perguntar: *qual é a relação que se estabelece entre a esperança, que nasce da promessa, e a Ressurreição Jesus?* No prefácio da edição que comemorou o 33º aniversário da publicação de *Teologia da Esperança*, Moltmann afirmou que a base e o motivo da esperança se encontram no êxodo e na ressurreição de Cristo.<sup>14</sup> Quando se considera que a razão de ser da esperança encontra-se no evento da Ressurreição de Jesus Cristo, deve-se ter em mente o real lugar desse evento para a compreensão da esperança cristã e também da importância da Ressurreição para o todo da teologia. A ressurreição, para Moltmann, assume a categoria de chave de leitura. É pela lente da Ressurreição que o teólogo ou mesmo o crente deveria ler o todo da sua experiência de fé. É por essa lente que Moltmann desenvolverá a sua teologia, seja pelo viés da *Esperança* seja a sua *Theologia Crucis*.

Assim, percebe-se que a Ressurreição, como parte do evento de Cristo, é o princípio da esperança cristã. Deste modo, a sua ressurreição assume um caráter todo importante para a vida e para a teologia cristã, tornando-se uma chave de leitura e de interpretação de tudo aquilo que procede de Jesus Cristo e da fé nele.

### **A Ressurreição de Cristo como evento histórico**

A Ressurreição é um evento histórico. Por certo seja esse um dos sentidos mais interessantes, bem como o mais importante para se entender o sentido da ressurreição de Jesus dentro da escatologia de Jürgen Moltmann. O próprio Moltmann considerou que a ideia da ressurreição de Jesus dentre os mortos pelo poder de Deus, dentro de uma perspectiva moderna pós-iluminista, é algo que se insere dentro do “*historicamente impossível*” e do “*historicamente sem sentido*”, porquanto é lugar comum dentro da mentalidade moderna a história é a história do homem tal qual se pode observar pela experiência, a qual exclui a possibilidade e o sentido de uma *ressuscitação dos mortos*.<sup>15</sup>

Dentro dessa perspectiva moderna, a Teologia Liberal Protestante procurou reinterpretar o evento da Ressuscitação de Jesus em termos mais demonstráveis dentro da atual conceptualização de história. Um exemplo desse tipo de interpretação pode ser

<sup>12</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 123.

<sup>13</sup> MOLTSMANN, 2003.

<sup>14</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. 3. ed. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 21.

<sup>15</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 209.

encontrado na análise de Albert Schweitzer sobre Hermann S. Reimarus, o primeiro a propor uma reconstituição do Jesus Histórico na tradição liberal. Analisando Reimarus, Schweitzer escreveu:

Para se verem livres da dificuldade da morte de Jesus, eles [os discípulos] deram-lhe a importância de uma redenção espiritual — que não havia anteriormente entrado em seu campo de visão ou no do próprio Jesus. Mas, esta interpretação espiritual de sua morte não os teria ajudado se eles não tivessem inventado, também, a ressurreição.<sup>16</sup>

Para o liberalismo teológico, a partir da interpretação de Reimarus, a ressurreição de Jesus não era mais uma ressignificação da sua morte, um embutir significado nela diante da frustração da sua ocorrência. Para o pensamento liberal clássico, a distinção entre o *Jesus Histórico* e o *Cristo da Fé* põe em oposição dois elementos que são caros para Moltmann, os quais seriam: a *identidade* do ressuscitado e a *realidade* da ressurreição. Desta forma, é possível que Moltmann, dentro do seu próprio contexto, tenha procurado uma via diferente daquela seguida pelos teólogos do protestantismo liberal ou mesmo em oposição algum pensamento mais contemporâneo, como o de Bultmann, que assumia uma interpretação mais existencial da ressurreição que negava-lhe qualquer caráter histórico (*Historische*), embora, a inserisse no seu conceito de *Geschichte*, retirando dela sua historicidade e realidade, e aplicando a ela uma perspectiva existencial, que lhe era peculiar.<sup>17</sup> Contudo, essas linhas de interpretação não parecem ser possibilidade para Moltmann, que via um algo na mais na ideia da Ressurreição de Cristo, dando um significado *histórico* à ressurreição; como ele bem considerou:

Se a pessoa e história de Jesus e a atuação ressuscitadora de Deus são elementos constitutivos da fé cristã, então não faz sentido firmar a vida e morte de Jesus como fato histórico e sustentar, por outro lado, a ressurreição suas aparições e fé pascal como interpretações intercambiáveis

<sup>16</sup> SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Novo Século, 2003. p. 30.

<sup>17</sup> Cf. MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século XX*. v. 2. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 124. É digno de nota que Bultmann se distanciou de Barth, segundo Mondin, justamente pela interpretação que aquele dava à ressurreição de Jesus. Escreve Mondin: “Contudo, tanto o uso da filosofia existencialista, como meio de expressão da mensagem cristã, como o emprego da *Formgeschichte*, com uma forte acentuação do elemento histórico-crítico, separaram pouco a pouco Bultmann de Barth e dos outros dialéticos. Em 1926 já se observara um sinal da ruptura inevitável, quando Bultmann analisou o *Die Auferstehung der Toten* (A Ressurreição dos Mortos) de Karl Barth. Em seu escrito, Bultmann censurava o teólogo da Basileia por não levar muito em conta a crítica histórica e filológica e, ademais, por desenvolver um conceito de fé demasiado sobrenaturalista, sem nenhuma relação com a consciência”. MONDIN, 1980, p. 117. Isso parece fazer mais sentido ainda quando Moltmann afirma: “Não é a sua própria fé, nem são as exigências e o oferecimento da fé na pregação que correspondem à realidade de suas afirmações, mas tão somente a realidade do que foi por eles anunciado e afirmado é correspondente às suas afirmações e testemunhos. Os textos pascais seriam interpretados contra sua própria intenção se se buscasse o ‘sentido’ dessas afirmações unicamente no nascimento da fé”. MOLTSMANN, 2003, p. 208.

para aquele fato. Isso nem chegaria a fazer justiça ao surgimento da fé cristã.<sup>18</sup>

O que Moltmann faz é trazer para a dimensão histórica a Ressurreição. Mesmo que seja preciso ressignificar alguma coisa, Moltmann ressignifica a história e não a ressurreição. Toda a vida, ministério, paixão, morte e ressurreição, portanto, são postos e devem permanecer no âmbito do histórico, porquanto, “*Jesus nas aparições pascais é percebido como aquele mesmo que existiu. Isto fundamenta a lembrança ‘histórica’ da fé sobre a vida, ação, pretensões e sofrimentos de Jesus de Nazaré*”.<sup>19</sup> Essa ideia é importante para Moltmann, como Kuzma deixa bem evidente é que “*a relação entre Deus e a história é um elemento que nosso autor por inúmeras vezes tenta resgatar para a teologia*”.<sup>20</sup> Percebe-se, nessa ênfase moltmanniana, alguns lampejos do conceito de que o mundo, enquanto realidade da habitação humana, como teatro da manifestação Deus, como propõe Calvino.<sup>21</sup>

Diante do exposto, algumas questões precisam ser feitas: *em que sentido Moltmann compreende a ressurreição de Jesus Cristo como um evento histórico? Quais seriam os elementos determinantes para essa compreensão da Ressurreição como evento histórico?* Antes de qualquer coisa, devemos ter diante de nós o que Moltmann entende como história-histórico. O que Moltmann parece sugerir é que a Ressurreição pode ser encarada como um evento histórico, mas dentro do que é concebido como histórico dentro do pensamento moderno pós-kantiano.

O que chama a atenção no discurso de Moltmann é que ele não afirma uma ressurreição histórica como *evento* ocorrido, mas afirma a *realidade* histórica do evento Ressurreição.<sup>22</sup> Assim, dentro das dimensões de compreensão histórica atual, que afirma a *impossibilidade histórica* da Ressurreição de Jesus dos mortos pelo poder Deus, Moltmann questiona sobre o grau de probabilidade desse evento se tratar de um acontecimento real, ao que ele mesmo responde não demonstram a realidade da Ressurreição, nem tampouco conduzem a uma espécie de ceticismo histórico sobre o tema.<sup>23</sup>

Moltmann constrói sua ideia sobre a historicidade da Ressurreição, primeiramente, procurando determinar a *identidade do Ressuscitado*. Não se trata apenas de dar um sentido histórico à Ressurreição de Jesus, mas também de dar sentido ao Jesus histórico, identificando-o com o Cristo Ressuscitado. É interessante notar que Moltmann praticamente inicia o capítulo que trata desse tema em seu *O Deus Crucificado*, chamando a atenção do seu leitor a esse fato. Moltmann escreve:

<sup>18</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus Crucificado*. São Paulo: Academia Cristã, 2011. p. 200-201.

<sup>19</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 102.

<sup>20</sup> KUZMA, Cesar. *A esperança cristã fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Teologia) - PUC-Rio, 2007. p. 133.

<sup>21</sup> CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. Tomo 1. São Paulo: Unesp, 2009. I:XIV:20.

<sup>22</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 209.

<sup>23</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 209.

O Jesus histórico não é o “meio Cristo” e o Cristo ressuscitado não é outra parte de Jesus. Trata-se de uma mesma pessoa e de sua história singular. O Cristo ressuscitado é o Jesus histórico e ressuscitado. A “relação diferenciada” da perspectiva histórica e escatologia tem sua razão na identidade da pessoa e sua história, que, devido à morte na cruz só pode ser denominado pela fórmula dupla “Jesus-Cristo”, e crucificado e ressuscitado.<sup>24</sup>

Como Karl Barth, Moltmann expressa a identidade do Ressuscitado da seguinte forma: “o Crucificado é o *Ressuscitado* e o Ressuscitado é o *Crucificado*”.<sup>25</sup> O que se pode perceber é que Moltmann rompe com a distinção entre o *Jesus Histórico* e o *Cristo da Fé* que orientava o horizonte teológico do seu tempo. Ao romper com essa distinção, ele se viu forçado a reunir sob uma mesma figura esses dois elementos, dando a Jesus-Cristo uma dinâmica histórica e escatológica. Deste modo, ao atribuir historicidade a Jesus-Cristo, Moltmann necessariamente tem que conceber que sua ressurreição é um elemento que se enquadre dentro da *realidade* histórica, na qual Jesus estava inserido. Nesse sentido, qualquer evento que tenha como objeto a pessoa histórica de Jesus-Cristo também deve ser um evento real-histórico. Portanto, a experiência pascal da Ressurreição deve ser encarada como um evento real.

Nesse sentido, a Ressurreição de Jesus dos mortos exige a identificação do Ressuscitado na manhã pascal com o Crucificado da Sexta-Feira da Paixão. Essa identificação terá o papel fundamental para se terminar quem é o Ressuscitado e o seu significado dentro do processo salvífico inaugurado e aberto por ela mesma. É o que Käsemann considerou ao afirmar que “*todo o conhecimento de Jesus, no sentido da certeza da salvação, só é possível para a fé da igreja primitiva depois da Páscoa*”.<sup>26</sup> O que se pode conhecer e Jesus, de seus ensinamentos e de suas ações necessita da Ressurreição para interpretá-los. Parece pouco provável que seja possível a interpretação de fatos concretos relacionados com uma pessoa histórica através das lentes de uma mera imaginação ou de uma resignificação de uma frustração. Entretanto, para Moltmann, a escatologia cristã possui como tema central de sua fala Jesus e o seu futuro.<sup>27</sup> Assim,

---

<sup>24</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 199-200. A ideia que Moltmann apresenta é algo que Calvino também considerou ao discutir acerca da ressurreição de Jesus Cristo. Calvino escreveu: “*Por isso lembremos que, em todas as menções exclusivas à morte, compreenda-se também o que é próprio da ressurreição, e que há uma sinédoque na palavra “ressurreição” sempre que empregada isoladamente, sem a palavra “morte”, para que consigo traga o que convém em particular à morte. Mas, uma vez que ao ressurgir Cristo obteve a vitória para que se fizesse ressurreição e vida, com mérito Paulo defende que a fé seria abolida e o Evangelho tornar-se-ia vazio e falaz a menos que sua ressurreição fosse inserida em nossos corações [1Co 15.17]. Por isso, em outra passagem, depois que se gloriou na morte de Cristo contra os terrores da condenação, acrescenta como ampliação: ou melhor, “o mesmo que morreu ressuscitou, e agora por nós aparece como Mediador diante de Deus” [Rm 8.34]”*. CALVINO, 2009, II:XVI:13.

<sup>25</sup> BARTH, Karl. *O Credo: um comentário ao Credo Apostólico*. São Paulo: Novo Século, 2005. p. 134.

<sup>26</sup> KÄSEMANN *apud* MOLTSMANN, 2011, p. 202.

<sup>27</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 23.



Sua ressurreição dos mortos por Deus jamais foi considerado [sic.] como um milagre testificador, restrito a Jesus, mas como um começo da ressurreição geral dos mortos. *i.e.*, como o começo do fim da história, no meio da história. Sua ressurreição não foi um milagre do acaso em um mundo imutável, mas foi o começo da transformação escatológica do mundo por meio de seu criador. A ressurreição de Jesus estava, portanto, no contexto, de uma esperança universal da fé escatológica, que começou com ou contato com essa esperança.<sup>28</sup>

Um segundo elemento importante que dá sentido à Ressurreição de Jesus, dentro da teologia de Moltmann, é a sua *realidade*. Por *realidade* deve-se entender que houve *de fato* a ressurreição de Jesus – ela não foi uma invenção dos seguidores de Jesus, afinal de contas, como sustentar uma mentira? É interessante considerar que a própria narrativa evangélica não dá conta da ressurreição, enquanto um fenômeno, descrevendo-o. Entretanto, todas elas dão testemunho daquilo que a ressurreição é, ou seja, não um mero levantar de Jesus Cristo dos mortos, tal como ocorreu com outros indivíduos nos evangelhos, como Lázaro, a filha de Jairo ou ainda o filho da viúva de Naim (cf. Jo 11; Lc 7.11-17), não se trata de uma mera anulação da morte, de modo que Jesus tivesse voltado à vida, mas a Ressurreição de Jesus apresenta uma vida qualitativamente nova, se trata de algo totalmente novo, uma novidade que se reflete na influência transformadora que a ressurreição oferece a toda dinâmica de vida dos discípulos de Jesus.<sup>29</sup>

O foco das narrativas dos evangelhos está nas aparições do Ressuscitado – e não no fenômeno que levou a isso – e, conseqüentemente, na visão-percepção que os discípulos tiveram desse evento. Como Moltmann compreende isso? O fato é que Jesus Cristo foi visto pelos seus discípulos, como Moltmann explica:

No querigma pascal, a fé pascal sempre é fundamentada com um “ver”. Qual era a estrutura desse “ver”? A forma ὄφθη que já surge na tradição pré-paulina, é, provavelmente, a mais antiga. Ela pode significar: Cristo foi visto, e também pode significar: Cristo apareceu e se deixou ver. E, finalmente, ela pode significar, de acordo com a perífrase passiva do nome de Deus: Deus o deixou ser visto!<sup>30</sup>

Essa visão não é uma miragem. Trata-se da visão dada por Deus acerca de uma nova realidade não conhecida e que veio ao conhecimento da humanidade por meio desse evento. “Deus revela algo que está oculto para o conhecimento ao mundo”, escreve Moltmann.<sup>31</sup> Mas o que Deus revela nessa *visão*? O que Deus deu a conhecer aos discípulos de Jesus naquela manhã pascal? Moltmann responde, dizendo:

<sup>28</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 202.

<sup>29</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 211.

<sup>30</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 207.

<sup>31</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 208.

Não estamos falando de arrebatamentos místicos para outro mundo além deste, nem de iluminações interiores, mas, sim, de poder ver um resquício do Deus que está vindo, marcado no rosto do Crucificado e, portanto, falamos de ser comovido pela mudança do mundo através da glória de Deus. O ver pascal tem dois lados: as testemunhas oculares viram 1) um resquício da glória vindoura do Reino de Deus na figura de Jesus e 2) reconheceram Jesus nos sinais de sua crucificação.<sup>32</sup>

A historicidade da Ressurreição é porque ela se dá *de fato* dentro da história, mas anunciando, nas *aparições pascais* do Cristo Ressuscitado, o futuro da própria história, da humanidade e do próprio Deus. O que Moltmann demonstra é que Deus revela algo *novo*, ainda não conhecido nem compreendido por aqueles homens e por aquelas mulheres. Ao ser mostrado ressuscitado por Deus-Pai, Jesus apresentou relances e lampejos da gloriosa presença do Reino, glória que se apresenta na manifestação da vida, paz e justiça anunciados desde os tempos do Antigo Testamento.<sup>33</sup> Mas esta manifestação da glória do Reino parece ganhar toda sua não por ser uma “luminosa” manifestação, mas por ser uma manifestação encarnada. Vida, paz e justiça assumem, na “carne” do Ressuscitado a realidade daquilo que se esperava e que agora, de modo garantido, se espera. Neste processo de identificação, a Ressurreição de Jesus assume o lugar da revogação daquilo que a maldade humana havia decretado para ele, mas também o torna como que representante do futuro do Deus que vem que nos é trazido por ele.<sup>34</sup> Essa foi a percepção daqueles discípulos. Essa é a memória produzida por aquelas manifestações pascais, como Barth nos auxilia a entender:

O conteúdo concreto da memória dos quarenta dias é: Cristo está ressurreto, Ele está ressurreto mesmo! Para sermos exegeticamente precisos, precisamos compreender este corporalmente ressuscitado “mesmo”; e, assim, se não formos tomar a liberdade de substituir o testemunho apostólico por um outro reciprocamente, não poderá haver nenhuma conversa de encontrar inesperadamente o sepulcro vazio. Isto é, claro, um fato notório que a tradição que temos recebido desta memória dos quarenta dias está, em seus detalhes, numa desordem fora do comum, longe do satisfatório para um historiador.<sup>35</sup>

Na história, não sendo histórico no sentido dos historiadores. No nosso mundo e chão do qual a cruz se ergue para nos apontar o Deus-de-todo-amor que vem ao encontro da humanidade em seu desespero para lhes apontar uma nova possibilidade, um *novo eón*, no qual “a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21.4). Tudo isso é possível porque Jesus foi ressuscitado por Deus na força do Espírito Santo, isso porque, como disse Ratzinger,

---

<sup>32</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 209.

<sup>33</sup> MOLTSMANN, 2011.

<sup>34</sup> MOLTSMANN, 2011.

<sup>35</sup> BARTH, 2005, p. 139.

os relatos da ressurreição [...] testemunham um acontecimento que não brotou dos corações dos discípulos, mas que lhes sobreveio de fora, dominando-os, de encontro à sua dúvida, e infundindo-lhes a certeza de que “o Senhor ressuscitou verdadeiramente”. O que jazera no sepulcro não está mais lá, mas vive – é realmente ele mesmo quem vive. O que fora arrebatado para o outro mundo de Deus, mostrou-se entretanto ser tão poderoso que tornava palpável ser ele mesmo quem estava diante deles; mostrou ter-se comprovado nele mais forte o poder do amor do que o poder da morte.<sup>36</sup>

Diante disso é necessário perguntar: qual é o sentido mais básico da ressurreição de Jesus dos mortos para Moltmann? O que as visões do Ressuscitado têm a nos dizer, segundo o nosso autor? De maneira bem simples, o sentido básico da ressurreição de Jesus é nos mostrar o *novum* preparado por Deus para o seu povo, o qual é revelado na ressurreição, uma prolepse ou antecipação do futuro de Deus que nos é trazido e mostrado pelo Ressuscitado.

### A ressurreição de Cristo como antecipação escatológica

Outra questão que encontra acentuada atenção de Moltmann, quanto à Ressurreição de Cristo, a qual também se configura num dos sentidos presentes na sua escatologia é o fato de compreender a Ressurreição como uma *antecipação escatológica*. Para Moltmann, a Ressurreição de Jesus não foi um voltar à vida, como já dito anteriormente, mas seria o assumir a *nova vida* prometida por Deus à toda humanidade. O Jesus reconhecido no Ressuscitado possui uma dimensão de existência diferente daquela que tinha o Crucificado, embora ambos sejam o mesmo.<sup>37</sup> Essa nova dimensão é a dimensão de Deus e do seu tempo próprio, o seu *kairós*. Desta maneira, a Ressurreição se torna o ponto de partida para a evolução de todo um processo escatológico, cujas aparições pascais se caracterizam como a visualização desse início, como explicou Moltmann:

Com a Ressurreição originou-se um processo histórico escatológico bem determinado e posto em andamento, o qual tem como meta o aniquilamento da morte pelo domínio da vida a partir da Ressurreição, e que se orienta para a justiça na qual Deus terá os seus direitos reconhecidos em tudo, e na qual criatura chegara à sua salvação.<sup>38</sup>

Com o processo escatológico iniciado na Ressurreição, as visões que os discípulos tiveram do Ressuscitado dão conta que aquele propósito salvífico de Deus para a sua criação foi iniciado e também antecipadamente percebido. Mas, o que significa dizer que a Ressurreição de Jesus Cristo dos mortos pelo poder de Deus é uma antecipação escatológica? Moltmann responde essa questão da seguinte forma:

<sup>36</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Herder, 1970. p. 261-262.

<sup>37</sup> MOLTSMANN, 2003.

<sup>38</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 194.

No fim dos tempos Deus despertará os mortos e nisso irá demonstrar seu poder sobre o poder da morte. O fim do mundo e o começo da nova criação se iniciam com a ressurreição geral dos mortos. Se as testemunhas pascais anunciam “que Deus ressuscitou esse Jesus morto ‘dos mortos’”, então o que se afirma não é nada menos de que esse futuro do novo mundo da justiça e presença de Deus já irrompeu no meio desta história da morte na pessoa de Jesus. Todos os que ouvem e creem saem de uma distante esperança em um futuro incerto e chegam a uma esperança segura a um futuro de Deus, próximo e que já irrompeu naquela pessoa.<sup>39</sup>

O futuro de veio ao nosso encontro! Não o futuro com o mero tempo que se encontra à frente, desprovido de objetividade, mas se trata do futuro qualificado, o *futuro de Deus*, a meta de toda a história da humanidade e da criação. Meta que é, ao mesmo tempo, ponto de partida, “*uma vez que entendemos o futuro de Deus como a grande força criadora, tendemos a admitir que o plano salvífico de Deus à obra da criação como um todo, tem a sua referência no fim, no eschaton*”.<sup>40</sup> O futuro de Deus não se coloca, portanto, num ponto distante dos anseios humanos, mas está aberto a eles, bem como à criação, por meio da ressurreição de Jesus morto “dos mortos”. Nela, Deus atua antecipada e prematuramente em benefício da humanidade e do mundo.<sup>41</sup> Por meio dela, “*a eternidade de Deus entra no tempo, e a partir dele ela está presente de maneira criadora em tudo que é temporal e que antecede esse futuro*”, afirmou Pannenberg.<sup>42</sup> Eis a força antecipadora da ressurreição de Jesus-Cristo!

Assim, a escatologia, conforme compreendida por Moltmann, passa a compreender a “*história como a realidade aberta a promessa*”,<sup>43</sup> promessa esta que encontra sua grande manifestação no evento de Cristo, mais especialmente, na sua Ressurreição. Esse evento se dá na história de Jesus, de seus discípulos e nossa também para nos abrir a dimensão *histórica* de Deus, seu *kairós*, tempo de sua ação. A Ressurreição de Jesus Cristo, o Crucificado “por nós”, é um acontecimento dentro da história, que a modifica, mesmo sendo incapaz de ser assimilada historicamente.

Não só de uma percepção antecipatória do *eschaton* é percebida nessa antecipação presente na Ressurreição do Cristo-Crucificado. Moltmann retoma o fundamento de sua teologia: a Esperança. Se a esperança tem como uma de suas bases a ressurreição de Jesus, então, a antecipação escatológica presente no evento da ressurreição deve, de alguma maneira, se relacionar com a esperança. Assim, essa relação se projeta sobre o anúncio da ressurreição como promessa, que é a linguagem da esperança como Moltmann escreveu:

---

<sup>39</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 212-213.

<sup>40</sup> KUZMA, Cesar. *O futuro de Deus na Missão da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 33.

<sup>41</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 223.

<sup>42</sup> PANNENBERG *apud* KUZMA, 2014, p. 33.

<sup>43</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 266.

A ressurreição de Jesus dentre os mortos por Deus ainda não fala a “língua dos fatos”, mas apenas a língua da fé e da esperança, *i.e.*, “a língua da promessa”. Por isso descrevia estrutura proléptica da anunciação de Jesus e da fé cristã na ressurreição tom o termo “promessa”.<sup>44</sup>

Na ressurreição de Jesus encontra-se a promessa última para o mundo. A promessa da manifestação da glória do Deus que vem ao encontro de sua criação. Por isso, Moltmann fala dos “*resquícios de Deus*”,<sup>45</sup> como quem fala uma percepção ainda que mínima de uma realidade esperada. Mas ela não é apenas uma promessa. Ela é uma promessa, cuja garantia não está apenas no Deus promitente, mas que se encontra “*encarnada-realizada*” no Ressuscitado. De modo que os primeiros discípulos compreenderam isso: *o que seremos já é nele! O que esperamos já está realizado nele! E o que podemos ver nele!* Deste modo, ainda que o que se pode esperar no futuro de Cristo só seja possível ser expresso por meio de promessas, ainda assim, essas promessas são antecipadas, manifestando “*aquilo que está oculto e apenas iniciado como prelúdio e amostra prévia, nele – Jesus – e na sua história*”.<sup>46</sup>

### **A práxis Cristã a partir da Ressurreição de Cristo**

O sentido final da Ressurreição de Cristo encontra-se na *práxis* que ela suscita. No entendimento de Moltmann, como uma conclusão lógica de sua exposição, “*a promessa (promissio) de um futuro universal leva necessariamente à missio universal da Igreja a todos os povos*”.<sup>47</sup> Assim, a Ressurreição de Jesus Cristo não seria um mero artigo de fé, pelo qual o crente contempla o mistério nela contido numa esperança passiva e quieta. Dentro da teologia de Moltmann há uma ânsia pelo dinâmico, que surge da imitação do próprio movimento de Deus e que a tudo põe em movimento e em transformação. Neste caso específico, o movimento da Igreja se encontra na dimensão da missão cristã. Essa *missio universal* que tem como objetivo anunciar ao mundo como um todo o evangelho de Jesus, cujo centro desse anúncio é a Ressurreição, como Ladd demonstrou:

De fato, a ressurreição é o centro da mensagem cristã primitiva. O primeiro sermão que foi registrado consistiu de uma proclamação do fato e do significado da ressurreição (At 2.14-36). Pedro não declarou quase nada sobre a vida e ministério terreno de Jesus (At 2.22). Não fez qualquer apelo ao caráter e personalidade de Jesus, como de alguém que fosse digno de devoção e discipulado. Não procurou recordar os elevados ensinamentos éticos de Jesus nem demonstrou sua superioridade aos muitos mestres rabinos entre os judeus. Fez apenas referência, de passagem, aos poderosos feitos que haviam assinalado o ministério de Jesus, como prova evidente de que as bênçãos de Deus estavam sobre ele (At 2.22). O mais importante foi o

<sup>44</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 215.

<sup>45</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 209.

<sup>46</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 241.

<sup>47</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 266.

fato de que Jesus, que fora executado como criminoso, tinha sido ressuscitado dentre os mortos (At 2.24-32).<sup>48</sup>

O anúncio evangélico não é o anúncio dos milagres e sinais, nem é tampouco o anúncio da sabedoria e perspicácia de homem simples sobre temas profundos, mas é antes e acima de tudo o anúncio de Cristo Jesus que morreu ou, antes, quem *ressuscitou* (Rm 8.34). O evangelho é o anúncio do Cristo ressuscitado. É a ressurreição que dá sentido à Esperança, e que dispõe os que *esperam* a uma nova práxis diante o *novum* aberto pelo Ressuscitado, como Kuzma considerou:

Este novo que esperamos com a ressurreição de Cristo, torna-se, pois, já manifesto e, portanto, sensível na história por aquilo que Cristo já nos deixou e convidou a segui-lo, que é a proposta do Reino de Deus. Esta proposta justifica o caminho de Jesus até a cruz e antecipa-nos o nosso caminhar da cruz até a sua ressurreição. Por essa razão, afirmamos que, o Cristo Ressuscitado e Crucificado é uma promessa para o mundo.<sup>49</sup>

A ressurreição de Cristo é a promessa de Deus que alimenta e motiva a nossa esperança. Mas ela também é o que motiva nossa ação missionária. A missão cristã é, entre outras possibilidades, a encarnação da proposta do Reino de Deus na vida e prática de cada homem e mulher que assumem os riscos do seguimento de Jesus, que assumem os riscos que as suas próprias cruces trazem para e sobre eles (cf. Mt 16.24), mas, ao mesmo tempo e com maior intensidade, assumem a esperança produzida pela promessa presente no Ressuscitado, vislumbrada e testemunhada pela Igreja. O seguimento de Cristo é também continuidade do envio com o qual ele foi enviado (Jo 20.21-22). A cena do Ressuscitado entre os seus discípulos amedrontados dentro de casa é indicativo do que acabamos de dizer. Ao soprar sobre eles, Jesus não apenas doava seu Espírito Santo, como também os agregava mais intimamente em sua missão. Do mesmo modo, assumimos a missão de Jesus sob os auspícios desse mesmo Espírito de força, como nos diz Moltmann:

A missão divina de Jesus é transferida para os discípulos. Os discípulos são introduzidos na missão messiânica de Jesus. O ressuscitado “sopra” o “Espírito vivificador” nos discípulos, assim como o criador outrora havia soprado em Adão, transformando-o numa alma viva (v. 22). O que os discípulos fazem então na força do Espírito “corresponde” ao que Jesus fez na força do Espírito, e representa mais do que apenas uma analogia, uma “semelhança em vista de uma dessemelhança ainda maior”.<sup>50</sup>

A missão cristã, por outro lado, é também um apelo à justiça e à vida do Reino. O Deus cristão, na percepção moltmanniana, é um deus capaz de sofrer (cf. Rm 9.16). Esse

<sup>48</sup> LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 300-301.

<sup>49</sup> KUZMA, 2014, p. 124.

<sup>50</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 154.

sofrimento apaixonado de Deus é o sofrimento contra a *injustiça* e o *sofrimento* que alcança a humanidade. É bem-vinda uma reflexão de Comblin, na qual ele considera que seria ingenuidade da igreja cristã no cumprimento de sua missão supor que a humanidade, que está escravizada pelo pecado estruturado em diversas categorias do povo e da humanidade, esteja interessada em sua própria liberdade.<sup>51</sup> “A verdadeira liberdade”, diz Comblin, “que é responsabilidade da própria vida, é o que menos desejam”.<sup>52</sup> O fato de que a missão cristã encara o pecado presente na realidade, à luz da consideração de Comblin, nos faz pensar que não enfrentamos a hostilidade e o mal como formas etéreas e desencarnadas. O mal está encarnado em pessoas aprisionadas que, se dão conta ou não da sua condição, vivem uma dinâmica de oposição ao reino de Deus. Eis a grande tarefa da missão: *libertar aqueles que não pretendem ser libertados*.

Desta forma, não se pode reduzir a missão cristã ao anúncio de um discurso e sua ecoante repetição, mas ela deve ser compreendida como ação efetiva dentro da realidade, tempo e história de cada grupo dos discípulos de Jesus. Algo que Moltmann nos mostra – como se isso fosse necessário nos mostrar algo tão gritantemente percebido – é que o mundo está em oposição ao Reino, de modo que a esperança cristã se “*demonstra sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado; de vida contra a morte; de glória contra o sofrimento; de paz contra a divisão*”.<sup>53</sup> Neste sentido, a Ressurreição dá o sentido da própria missão cristã, porquanto é por ela que todas as promessas tomam forma dentro da história humana. Cristo, o ressuscitado de Deus, é também aquele por meio de quem Deus faz novas todas as coisas (Ap 21.5). A missão cristã deve assumir esse poder transformador da realidade antecipando, pela sua ação no e pela realidade, aquela transformação que será efetuado pelo Cristo sobre toda a criação, para que essa celebra festa santa ao Senhor (cf. Is 30.29).

Os crentes têm este gozo para si mesmos em meio a um mundo hostil a eles e hostil à vida? Não, a transformação da vida que eles experimentam graças ao gozo pascal é para eles unicamente um pequeno começo da transfiguração de todo o cosmos. O Cristo ressuscitado não apenas se achega aos mortos para ressuscitá-los e comunicar-lhes sua vida eterna, mas também para atrair todas as coisas ao seu próprio futuro, para que cheguem a ser novas e participem da festa do eterno gozo de Deus.<sup>54</sup>

A teologia de Moltmann é uma teologia para a ação. Se por um lado, a *Teologia da Esperança* teve que enfrentar a crítica oriunda, por exemplo, da Teologia Latino-Americana da Libertação (TdL), por outro, quando se olha o conjunto da sua obra, que bem dialogou com as demandas teológicas de seu tempo, é possível verificar que Moltmann não

---

<sup>51</sup> COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 24.

<sup>52</sup> COMBLIN, 1983, p. 24.

<sup>53</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 25.

<sup>54</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *La Venida de Dios: Escatología Cristiana*. Salamanca: Sígueme, 2004. p. 429.

produziu uma teologia para mera reflexão teológica e a ávida leitura dos teólogos profissionais, mas percebe que sua teologia aponta para a ação da comunidade cristã, o que podemos chamar de missão. Sob a égide da Ressurreição de Jesus Cristo, a missão cristã assume a sua responsabilidade de fazer conhecido pelas vias que lhe foram possíveis os efeitos sobre a humanidade e toda criação do evento da Ressurreição.

### Considerações finais

Como foi demonstrado, a ressurreição de Jesus Cristo dos mortos pelo poder de Deus é o centro da teologia de Moltmann, como também é o centro da fé cristã (cf 1Co 15.). Todo o edifício da teologia cristã está sobre esse fundamento, o qual é também a chave de leitura para tudo aquilo que diz respeito à fé e prática cristã. Isto porque nela se encontram as evidências de que aquelas promessas feitas por Deus desde os tempos dos testemunhos do Antigo Testamento têm sua garantia nesse evento realizado em Jesus de Nazaré. Por essa via, Deus abre o seu futuro proposto à humanidade e à criação, o futuro de um relacionamento com ele e de toda humanidade entre si pelas vias da justiça, da paz e do amor. Como afirmou Moltmann:

A Ressurreição de Cristo não significa uma possibilidade do mundo e da sua história, mas uma possibilidade de mundo, existência e história simplesmente. Somente quando o mundo é entendido como criação contingente, a partir da liberdade de Deus e *ex nihilo* (*contingentia mundi*), a Ressurreição de Cristo se torna inteligível como *nova creatio*. Por conseguinte, frente ao que é afirmado e prometido na mensagem da Ressurreição de Cristo, é necessário mostrar claramente a profunda irracionalidade do cosmos racional do mundo moderno, científico e técnico. Pela Ressurreição de Cristo não se entende um processo possível dentro da história universal, mas uma realidade escatológica da história universal.<sup>55</sup>

O *novum* trazido pela Ressurreição traz à humanidade a esperança daquilo que Deus traz a nós. A possibilidade de olhar para o futuro não como futuro do acaso ou das contingências humanas, mas como futuro do *Deus que vem* que é trazido por ele a nós. Futuro que aponta para a re-criação de todas as coisas, na qual Deus será tudo em todos. Tudo isso, porque, na crucificação Jesus, Deus superou as contradições presentes na realidade e pela Ressurreição, ele abriu e inaugurou o que, pela sua graça, está preparado para nós, que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram (cf. 1Co 2.9).

### Referências

- BARTH, Karl. *O Credo: um comentário ao Credo Apostólico*. São Paulo: Novo Século, 2005.
- BAUCKHAM, Richard. *The Theology of Jürgen Moltmann*. New York: T&T Clark, 1996.

---

<sup>55</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 215.



CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*. Tomo 1. São Paulo: Unesp, 2009.

COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CREDO NICENO-CONSTANTINOPOLITANO.

KUZMA, Cesar. *A esperança cristã fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Teologia) - PUC-Rio, 2007.

\_\_\_\_\_. *O futuro de Deus na Missão da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.

LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M. C. *Escatologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. *La Venida de Dios: Escatología Cristiana*. Salamanca: Sígueme, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Deus Crucificado*. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_. *Teologia da Esperança*. 3. ed. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Teológica, 2003.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século XX*. v. 2. São Paulo: Paulinas, 1980.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Herder, 1970.

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Novo Século, 2003.